



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**ROSÁRIA DE FÁTIMA PINTO KOLLAR**

**A ANÁLISE DE CRIANÇAS EM ESTADOS AUTÍSTICOS:  
REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA WINNICOTTIANA.**

Brasília  
2014

**ROSÁRIA DE FÁTIMA PINTO KOLLAR**

**A ANÁLISE DE CRIANÇAS EM ESTADOS AUTÍSTICOS:  
REFLEXÃO A PARTIR DA TEORIA WINNICOTTIANA.**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília  
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito  
para obtenção de Certificado de  
Conclusão de Curso de Pós-graduação  
*Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dr. Lívia Milhomem  
Januário

Brasília  
2014

**ROSÁRIA DE FÁTIMA PINTO KOLLAR**

**A ANÁLISE DE CRIANÇAS EM ESTADOS AUTÍSTICOS:  
REFLEXÃO A PARTIR DA TEORIA WINNICOTTIANA.**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília  
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito  
para a obtenção de Certificado de  
Conclusão de Curso de Pós-  
graduação *Lato Sensu* em Teoria  
Psicanalítica

Orientador: Prof. Dr. Livia Milhomem  
Januário

Brasília, 06 de março de 2015.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Maria Izabel Tafuri

---

Prof. Dr. Livia Milhomem Januário

## **DEDICATÓRIA**

**Às crianças que me propiciam um eterno  
aprendizado.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Rodolfo Kollar e Maria de Fátima Pinto Kollar, por me ensinarem a importância do estudo. Pelo apoio e ajuda nesses últimos meses em que me dediquei a esse trabalho. À minha mãe por ela se preocupar e me ajudar com a questão da alimentação. E ao meu pai pela confiança que ele tem em mim.

Ao meu irmão Teodulfo pela disponibilidade em me ajudar a resolver os problemas dos computadores.

Ao meu irmão Narciso e a minha cunhada Anna pelo exemplo de vida.

À professor Dra. Livia Milhomen Januário por ter me aceito como orientanda e pelos exemplos de simplicidade e determinação.

À professora Dra. Maria Izabel Tafuri pela paciência, as horas de supervisão, os conselhos e pela confiança.

Aos meus amigos que sempre estão por perto nos momentos difíceis. E nos bons momentos também.

## RESUMO

O presente estudo se propõe a compreender o processo de análise da criança em estado autístico com base na teoria winnicottiana, refletindo sobre as funções do analista e sobre as fases da análise dessa criança. Com o intuito de compreender o desenvolvimento dela em análise e como o analista atua para auxiliar essa criança. No primeiro capítulo, desenvolveu-se o papel do analista compreendendo o holding, o manejo e o brincar, mostrando a flexibilidade do analista conforme a necessidade da criança. Pode-se perceber que o holding é mais utilizado quando a criança está na fase de dependência absoluta, o manejo, na fase de dependência relativa e o brincar quando a criança está no estágio rumo a independência. No segundo capítulo, foram abordados os processos vividos pela criança em estado autístico na análise tais como o uso do objeto autístico, o estado e o objeto transicional e o brincar. Pode-se concluir, com base na teoria winnicottiana, que a criança em estado autístico não é vista como um sujeito incapaz como os manuais de classificação psiquiátrica colocam, mas que pode se desenvolver em um ambiente de análise que acolha sua forma de ser e seu funcionamento psíquico.

**Palavras-chave:** Autismo. Winnicott. Holding. Manejo. Brincar.

## **ABSTRACT**

This study aims to understand the process of analyzing the child in autistic state based on Winnicott's theory, reflecting on the roles of analysts and on the phases of the analysis of this child. The study also intends to understand the child's development in analysis and how the analyst works to help this child. In the first chapter, we developed the role of the analyst comprising the holding, the management and the games, showing the flexibility of the analyst according to the child's needs. It can be seen that the holding is more used when the child is in the stage of absolute dependence, the management in the dependence phase and the games when the child is at the stage towards independence. The second chapter approaches the processes experienced by the child in autistic state during analysis, such as the use of the autistic object, the state and the transitional object and the games. The conclusion, based on Winnicott's theory, is that the child in autistic state is not seen as an incapable subject, as most psychiatric classification manuals affirm, but as a child that can develop in an analysis environment that welcomes their way of being and psychic functioning.

Keywords: Autism. Winnicott. Holding. Management. Game.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	08
<b>1 Funções do analista: holding, manejo e o brincar</b>	12
1.1 Holding	12
1.2 Manejo	21
1.3 O Brincar	23
<b>2 Processos vividos pela criança em estado autístico em análise</b>	25
2.1 Objeto Autístico	25
2.2 Objeto Transicional	28
2.3 O estabelecimento da capacidade de brincar	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	35
<b>REFERÊNCIAS</b>	37
<b>ANEXO A MITO DO NARCISO</b>	38

## Introdução

Narciso debruçou sobre a fonte para banhar-se e viu, surpreso, uma bela figura que o olhava de dentro da fonte. "Com certeza é algum espírito das águas que habita esta fonte. E como é belo!", disse, admirando os olhos brilhantes, os cabelos anelados como os de Apolo, o rosto oval e o pescoço de marfim do ser. Apaixonou-se pelo aspecto saudável e pela beleza daquele ser que, de dentro da fonte, retribuía o seu olhar.

[http://hall\\_of\\_secrets.tripod.com/greciavaidade.htm](http://hall_of_secrets.tripod.com/greciavaidade.htm)

Nesse mito, Narciso apaixonou-se por ele mesmo. Percebe o quanto ele é belo e perfeito e, por isso, perde o interesse no ambiente externo. Segundo o mito, descrito na íntegra no anexo desse trabalho, o interesse por si mesmo é tão grande que Narciso morre contemplando a sua própria imagem.

Para quem observa uma criança em estado autístico a sensação é um pouco essa, uma falta de interesse pelo ambiente externo a ela. Esse comportamento sugere que a criança não sofre. Assim como não era perceptível o sofrimento do Narciso no mito. Mas Narciso morreu por conta desse isolamento.

Ao estudar o desenvolvimento psíquico percebe-se o quanto é importante a interação e a relação com o outro para a constituição humana. Por isso é importante incentivar essas crianças a desenvolver meios para elas interagirem com o seu ambiente e o outro.

Como é o tratamento da criança que não se interessa pelo ambiente social? Essa é uma questão que me inquietou e me inquieta até hoje. Em 2.009 comecei a participar do grupo de pesquisa do Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise da Universidade de Brasília em que me inseri na clínica psicanalítica com crianças em estados autísticos coordenado pela Doutora Maria Izabel Tafuri. Nesse momento, iniciei o trabalho como acompanhante terapêutico e em seguida comecei a atender crianças em estados autísticos na clínica escola. Percebi, com esses

trabalhos, o quanto é importante a entrega, a paciência e a dedicação do analista no tratamento dessas crianças. Esses pacientes demandam muito do analista, principalmente no que consta a busca do interesse deles para o contexto externo a eles.

A área de interesse desse trabalho é a Psicanálise e dentre as teorias psicanalíticas a que mais me identifiquei foi a de Donald Woods Winnicott. Para mim, a que explica melhor a análise com as crianças. Ele percebeu que o contato humano, analista e analisando, muitas vezes é mais importante do que a interpretação descontextualizada. Winnicott ainda deu importância à relação mãe-bebê e introduziu os conceitos da “mãe suficientemente boa” holding e manejo, e destacou a importância do brincar na vida da criança. E ele também introduziu o conceito do analista suficientemente bom e da importância deste se adaptar às necessidades da criança, como a “mãe suficientemente boa” faz com o seu filho. Esses conceitos, que serão melhor apresentados no decorrer desse trabalho, fizeram muito sentido para mim, principalmente no atendimento da criança em estado autístico. E por isso o interesse de escrever sobre esse tema.

**Como objetivo geral** esse trabalho busca refletir sobre a clínica com crianças em estados autístico tomando como base a teoria winnicottiana. No trabalho foram elaborados dois **objetivos específicos**, o primeiro visa refletir sobre as fases da análise tendo como base o papel do analista e o segundo visa descrever as funções do processo vivenciado pela criança em análise.

Para alcançar esses objetivos foi realizada uma revisão bibliográfica de alguns textos de Winnicott e autores que escreveram sobre a técnica dele na atualidade. O trabalho está dividido em dois capítulos:

No primeiro capítulo descrevo as seguintes funções do analista: o holding, o manejo e o brincar. O holding contempla os cuidados da mãe suficientemente boa para com seu bebê. O analista suficientemente bom, em paralelo com o modelo da mãe suficientemente boa,

trabalha também no sentido de auxiliar na constituição psíquica do sujeito, cuidando de possíveis falhas psíquicas que ocorreram durante o desenvolvimento do bebê. O holding pode ser usado em qualquer etapa do desenvolvimento descrita por Winnicott, seja ela: dependência absoluta, dependência relativa ou rumo à independência, porém na dependência absoluta o holding é essencial. A imitação é uma técnica que podemos utilizar na clínica com crianças em estados autísticos e que por meio dela o holding pode ser estabelecido. O manejo complementa o holding na fase da dependência relativa. E o brincar é a forma do analista lidar com o paciente que está saindo da fase de dependência relativa para rumo a independência. Nesse estágio a criança já pode fazer uso da interpretação do analista.

No segundo capítulo foram descritos três processos vividos pela criança em estado autístico em análise: objeto autístico, objeto transicional e o brincar. O objeto autístico é a extensão do próprio corpo da criança que nessa fase também é o corpo da mãe. Quando a criança está na fase da dependência relativa a criança usa o objeto transicional. Este faz a transição entre o objeto autístico e o brincar. Entre o mundo externo e o interno. O objeto transicional auxilia a criança a criar na ausência da mãe. O brincar, é mais elaborado, quando a criança está no rumo à independência, no momento em que ela é capaz de, por meio da brincadeira, expressar as suas emoções. Essas são as fases vivenciadas pela criança em estado autístico na análise.

Estas não são fixas, estão apresentadas assim para explicar de uma forma didática o desenvolvimento do sujeito em psicoterapia. Por exemplo, como será mostrado no capítulo dois, o bebê desde muito pequeno aprende a brincar com a mãe, mas o brincar compartilhado aparece quando ele está no rumo à independência. Assim também, o papel do analista não é fixo. O holding, o manejo e o brincar são atitudes utilizadas pelo analista quando a criança necessitar. O analista terá o seu trabalho conduzido conforme as necessidades dela.

Ao final desse trabalho concluo que a criança em estado autístico pode se desenvolver ao ponto de sair do isolamento. Porém, nem todas as crianças são capazes dessa feita. Deve-se levar em conta se a criança vivenciou as três fases descritas por Winnicott: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. Sendo assim, ela foi capaz de usar o objeto autístico, passar deste para o objeto transicional e brincar. Quanto mais cedo a criança chegar ao tratamento, maior a chance dela sair desse estado.

## 1 ALGUMAS FUNÇÕES DO ANALISTA: HOLDING, MANEJO E O BRINCAR

Este capítulo tem por objetivo discutir sobre as funções do analista dentre elas destaco o holding, o manejo e o brincar. O papel desse profissional, em alguns momentos, se assemelha com a função materna. Por isso, achei prudente contextualizar escrevendo sobre a mãe suficientemente boa e a preocupação materna primária, conceitos que são fundamentais para a compreensão da constituição psíquica do bebê. Além disso descrevo as três variedades clínicas: a dependência absoluta, a dependência relativa e rumo à independência.

### 1.1 Holding

O cuidado materno é de extrema importância na vida do lactante nos primeiros meses de vida. É quando ele, sem a mãe não sobreviveria. Para exercer esse cuidado é necessário uma mãe suficientemente boa ou alguém que exerça essa função. A mãe suficientemente boa é aquela que cuida do bebê conforme as necessidades desse. Nem mais e nem menos, só o suficiente. Para Abram (2000, p. 144) a mãe suficientemente boa “diz respeito à adaptação da mãe às necessidades do bebê recém-nascido”, pois nessa fase o bebê necessita da atenção da mãe voltada para ele.

Nas palavras de Winnicott (apud ABRAM, 2000 p.144):

O melhor que a mulher real pode fazer com um bebê é ser suficientemente-bom de uma forma sensível inicialmente, de modo que a ilusão para ele torne-se algo possível desde o início. Essa mãe suficientemente-bom também é um seio bom.

Naturalmente a mãe suficientemente boa exerce a preocupação materna primária, essa é uma identificação da mãe com o seu bebê. Essa preocupação faz o bebê acreditar que a mãe e ele são uma pessoa só. Sendo assim, a mãe suficientemente boa consegue não o frustrar excessivamente auxiliando ele a se constituir psiquicamente. Segundo Winnicott (1960), essa preocupação é uma vontade e uma capacidade de desviar o interesse de seu próprio self para o

bebê. Em que ela sabe bem quais são as necessidades do bebê. Nas palavras de Winnicott (1963, p.81):

Eu denomino isso [estado especial da mãe] “preocupação materna primária”. Este não é necessariamente um bom nome, mas o certo é que ao chegar ao fim da gravidez e nas primeiras semanas depois do nascimento de uma criança a mãe está preocupada com (ou melhor, “devotada ao”) o cuidado do seu nenê, que de início parece ser parte dela mesma; além disso ela está muito identificada com o nenê e sabe muito bem como é que o nenê está se sentindo.

Essa preocupação e, conseqüentemente, essa entrega ajuda a mãe a constituir o holding. É por meio dessa preocupação que a mãe será capaz de fornecer ao bebê o que ele necessita. Todos os cuidados da mãe para com seu bebê que antecede e advêm depois do nascimento compõe o holding.

Winnicott (1960b, p.48) define holding como uma fase em que a mãe ou a substituta deve proteger a criança da agressão fisiológica, levar em conta a sensibilidade cutânea do lactante e a falta de conhecimento do bebê de qualquer coisa que não seja ele mesmo. O holding inclui a rotina completa dos cuidados do dia e da noite adequados a cada bebê. Segue também as mudanças instantâneas do dia-a-dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactante, tanto físico como psicológico. Além disso, o holding envolve tudo aquilo que a mãe é e faz pelo lactante.

A mãe suficientemente boa é de extrema importância quando o bebê está na fase de dependência absoluta. Nesse estágio, Winnicott (1960b, p.43) relata que o lactante não tem meios de perceber o cuidado materno. E por isso, não consegue assumir controle sobre o que é bem ou mal feito, mas apenas está em posição de se beneficiar ou de sofrer as conseqüências desses cuidados. Abram (2000, p.136), afirma: “É em função do holding suficientemente-bom que o bebê torna-se apto para desenvolver a capacidade de integrar a experiência e desenvolver um sentimento de “EU SOU” (eu)”.

Portanto quando o bebê está na fase de dependência absoluta necessita da maior atenção da mãe, pois ele ainda não possui um self e vai se apoiar no self da mãe para aos

poucos formar o ego dele. Nesse momento, o bebê não distingue o não-eu, pois não existe o EU e prevalece nele o sentimento de onipotência. Porque a mãe está lá quando ele precisa e sabe as suas necessidades. Winnicott (1960b, p.43) explica que: “Essas questões muito primitivas começam quando a mãe identificando com o seu filho, é capaz e tem vontade de dar apoio no momento em que for necessário”.

Winnicott (1999, p.9) complementa:

A mãe tem um tipo de identificação extremamente sofisticada com o bebê, na qual ela se sente muito identificada com ele, embora, naturalmente, permaneça adulta. O bebê, por outro lado, identifica-se com a mãe nos momentos calmos de contato, que é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita. Do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio, e portanto a mãe é, inicialmente, parte dele. Em outras palavras, há algo, aqui que as pessoas chamam de identificação primária. Isto é o começo de tudo, e confere significado a palavras muito simples, como ser.

A manifestação do sentimento de unidade entre essas duas pessoas, mãe e bebê, dá a oportunidade do bebê ser. O apoio do ego da mãe facilita a organização do ego do bebê. Além disso, quando a mãe se identifica com o bebê, este desenvolve a capacidade de ter sentimentos que correspondem aos sentimentos dela. A mãe, nesse momento, é a porta-voz das vontades do bebê e da onipotência dele.

Assim, o bebê vai se constituindo por meio do holding. O toque faz parte do holding e provoca no bebê sensações agradáveis e desagradáveis. Abram (2000 p.138) descreve o toque como parte da personalização e quando este é suficientemente bom inaugura uma psique que habita o soma.

Para Winnicott (apud ABRAM, 2000) a personalização é quando o bebê passa a sentir, por meio dos toques amorosos, que o corpo dele constitui-se nele mesmo (o bebê) e/ou que seu sentimento de self centra-se no interior do próprio corpo. Por meio do toque o bebê sente seu corpo e cria sensações de conforto e desconforto e dessa forma, vai aprendendo o que gosta e o que não gosta.

As necessidades do bebê mudam com o tempo e com isso a mãe suficientemente boa é aquela que também se adapta a essas mudanças. Ela falha com o bebê e faz com que ele perca o sentimento de onipotência. Aos poucos, a identificação com o bebê se dilui. E o outro surge na vida dele. A presença do pai é importante nesse momento, pois é ele quem vai ajudar a mãe a diminuir o estágio de preocupação materno primário fazendo com que a mãe volte sua atenção para outros objetos além do bebê. Nessa etapa, o bebê estabelece uma separação entre o eu e o não-eu. Esse começa a perceber a mãe como alguém diferente dele e o pai como diferente da mãe.

Portanto, durante a fase do holding, o bebê passa do estado não-integrado a uma integração estruturada. Sendo assim, ele é capaz de experimentar a ansiedade sem ele se desintegrar. Além disso, o lactante se torna um ser unitário, ele desenvolve uma individualidade própria distinta da mãe. O bebê sabe diferenciar o eu do não-eu e as funções de entrada e de saída. Origina-se nessa fase as relações objetais, o simbolismo. Para Winnicott (1960b, p.45):

Aí o lactante muda de um relacionamento com um objeto subjetivamente concebido para uma relação com um objeto objetivamente percebido. Essa mudança está intimamente ligada com a mudança do lactante de ser fundido com a mãe para ser separado dela, se relacionando a ela como separada e como “não-eu”.

Nessa fase, a criança começa a usar a mãe como objeto transicional. Quando o bebê, por algum motivo, não tem um holding suficientemente bom ele poderá ter dificuldade em se constituir e de ser unitário. Com consequência disso, a mãe poderá se tornar um objeto autístico, em vez de um objeto transicional. Esses temas serão melhor esclarecidos no próximo capítulo. Portanto a relação saudável com o objetais depende de um holding suficientemente bom.

Winnicott (1962, p.57) afirma que o holding deficiente produz extrema aflição na criança, e provoca sensação de despedaçamento, de estar caindo num poço sem fundo. Ou de

a realidade exterior não poder ser usada para o reconforto interno e de outras ansiedades, também denominadas de agonias impensáveis, que são geralmente associadas às psicoses.

Na possibilidade de um holding não suficientemente bom, pode haver também uma deficiência de integração, ou uma desintegração (WINNICOTT, 1999, p. 9) que é algo intolerável, uma das ansiedades mais inconcebíveis e básicas da infância. Sem os cuidados da mãe suficientemente boa, não é sabido se a psique do bebê irá formar-se de modo satisfatório junto com o soma, com o corpo e seu funcionamento. Winnicott (1999, p. 10) afirma que “um colapso nesta área tem a ver com todas as dificuldades que afetam a saúde do corpo, que realmente se origina na identificação da estrutura da personalidade”. Winnicott (1966, p. 189) complementa:

Há certas dificuldades que surgem, quando coisas primitivas estão sendo experienciadas pelo bebê, que dependem não só das tendências pessoais herdadas como também do que é proporcionado pela mãe. Aqui, o fracasso denuncia um desastre específico para o bebê. No início, o bebê precisa da atenção completa da mãe, e normalmente recebe exatamente isso; e neste estágio é estabelecida pelo constante reforço através da continuação de um padrão de cuidados que contém os elementos essenciais.

Uma das formas de se compreender a criança em estado autístico é de perceber a que há uma falha no período da dependência absoluta. Alguns comportamentos das crianças autistas nessa fase são: ausência de fala, olhar vazio, dificuldade de se relacionar com o outro, usa o objeto de forma estereotipada, apresenta grunhidos e rejeita contato físico. O estado autístico é muitas vezes usado pelo autor como sendo um tipo de psicose.

Winnicott (1966) relata depender da individualidade do bebê o surgimento ou não da patologia, pois alguns seguem em frente apesar da falha no cuidado nesse estágio do desenvolvimento. O que vale é a qualidade dos cuidados iniciais, segundo o autor. E é este aspecto que se destaca mais numa revisão geral dos transtornos do desenvolvimento da criança, entre elas o autismo. Não se quer com isso responsabilizar a mãe. Algo ocorreu que foi além das condições que ela poderia proporcionar ao filho dela. Além disso, cabe uma

consideração na forma que Winnicott concebe a mãe nesse primeiro momento da vida, para ele a mãe não está se referindo apenas a figura materna em si, mas está relacionada ao conjunto mãe e ambiente. Isto quer dizer também o ambiente pode falhar em proporcionar o suporte para essa mãe desempenhar suas funções. Winnicott acredita que elas se sintam responsabilizadas por tudo de ruim que acontece com os filhos.

No tratamento de crianças autistas, para Winnicott, é necessário o contato humano, pois a criança precisa desses rudimentos que, por algum motivo, não recebeu na terna infância. O cuidado físico incluindo o toque concreto pode ser mais importante do que a interpretação verbal, segundo ele. O holding é tão importante que sem ele a criança não consegue se desenvolver emocionalmente. O analista deverá exercer essa função. Winnicott (1966, p. 192) conclui:

Se no tratamento de uma criança autista puder ser feita alguma coisa para compensar o que a mãe deixou de fazer no momento crítico, então a criança pode alcançar um lugar no qual faz sentido para ela ficar zangada pelo fracasso. Desta posição ela pode seguir para redescobrir sua capacidade de amar.

Portanto, quando a criança se encontra na fase de dependência absoluta, o mais importante é proporcionar um “ambiente suficientemente bom” em que a individualidade da criança seja respeitada. Desse modo, o analista tem que se adaptar às necessidades e o processo de maturação dela. Em que se acolha e produza uma dose suportável de frustrações para dessa forma, permitir o desenvolvimento do ego e o abandono de organizações defensivas, tendo o objetivo de propiciar a retomada do processo de amadurecimento.

Para Januário (2012, p.70), a noção de holding é de extrema importância para o tratamento da criança autista. Ela define essa função como acolher, conter e sustentar determinadas ações ao longo de um tempo sem interromper a experiência da criança. Oferecer um ambiente que propicie o processo de integração do sujeito. O holding para essa autora, fornece ao indivíduo a confiança na realidade e nos contatos humanos.

O analista suficientemente bom, em paralelo com a função da mãe suficientemente boa, se identifica, se coloca no lugar e sabe as necessidades da criança. Porém se mantém orientado na realidade externa e não se confundi com o analisando. Para Januário (2012, p.77), não cabe ao analista utilizar com o paciente as técnicas de maternagem, pois aquele precisa cuidar desse de forma confiável e manter um ambiente facilitador ao dirigir a atenção para o que o paciente necessita. O analista deve se permitir ser alvo da agressividade do paciente e sobreviver a ela.

Weich (1995, p.113) conclui o papel do analista suficientemente da seguinte forma:

O analista suficientemente bom deve proporcionar ao paciente um meio ambiente facilitador que promova o crescimento e desenvolvimento maturacionais. Isto é feito compreendendo-se e avaliando-se os pontos fortes e as fraquezas do ego do paciente e ativamente adaptando-se às necessidades do paciente, quando preciso, a fim de fazer avançar o processo analítico. Às vezes, o trabalho do analista consiste em uma substituição metafórica do cuidado materno, por aceitar que a dependência do paciente, quer sua necessidade de fusão dentro da interação simbólica. O analista deve ser capaz de permitir-se ser “usado” pelo paciente; exemplificando, ser capaz de tolerar e aceitar a destrutividade periódica deste (juntamente com o ódio resultante no próprio analista na contratransferência). A interpretação, nesta ocasião, pode ser mantida em relativa inatividade, cedendo lugar à criação de uma atmosfera que capacite o paciente a brincar, fantasiar e viver experiências criativas sobre uma nova categoria de objetos.

Cabe ao analista também procurar os próprios erros toda vez que surja resistência do paciente. Winnicott (apud JANUÁRIO, 2012, p.85) afirma que quando o analista erra possibilita ao paciente sentir raiva das falhas ambientais que provocaram rupturas na continuidade do seu ser, sendo que essa parte do trabalho é a que também liberta o paciente da dependência com relação ao analista. Por isso a falha faz parte do tratamento e das relações humanas o que pode ser um importante material para a análise.

Sendo assim, para Winnicott a criança que passou por uma falha no holding tem como reconstituir essa falha por meio da análise. Quanto menor a criança maior a possibilidade dela sair do estado autístico, pois as defesas dela não estão cristalizadas. E por isso o autismo seria um estado e não necessariamente uma estrutura. O psicanalista terá a função de ser

suficientemente bom e exercer o papel que a função materna, por algum motivo, não desempenhou. O papel do analista também é de acreditar no potencial do paciente e propiciar a este um ambiente suficientemente bom e adaptar-se às necessidades do paciente. Além do mais, o analista deverá saber administrar sentimentos hostis que possam surgir no setting de análise.

Winnicott define o setting de análise como um ambiente holding, pois ele é um lugar adequado às necessidades do paciente. Nas palavras de Januário (2012, p.73): “O setting é um lugar de acontecimentos e de experiência viva [...]. Ele inclui o analista e é um ambiente que evoca estabilidade, confiança e esperança para que o paciente possa vir a se constituir como sujeito”.

Winnicott deu grande importância à conduta do analista no ambiente físico e temporal da sala de análise. A dinâmica da transferência e contratransferência, uma vez compreendida a partir do holding, ganhou uma dimensão mais abrangente do que aquela estudada apenas a partir da interpretação (TAFURI, 2003, p.172).

Essa conduta descrita acima é uma conduta de acolher a criança. Mas além de aceitar e criar um ambiente-holding é necessário haver interação entre o analista e o analisando. Isso ocorre em primeiro lugar, com as crianças em estado autístico por meio do uso da contratransferência. Dessa forma, o psicanalista procura acessar a criança por sentimentos surgidos nele no momento em que estão juntos. Sendo que, uma das formas de acessar esses sentimentos é por meio da imitação. Além de ajudar o psicanalista a entender melhor o paciente a imitação dispõe a constituir a psique da criança e a ter um fio condutor pelo qual o analista pode trazê-la para interação.

Tafuri (2003) encontrou na imitação uma forma de interagir com a criança. Ao agir assim, a autora acolheu, sustentou e conteve psiquicamente Maria, agindo conforme as necessidades da paciente. Assim, Tafuri (2003) forneceu holding à paciente. Nas palavras da autora:

Em uma das sessões, comecei a imitar os sons que ela produzia nos momentos do ensimesmamento prazeroso. Considerei importante repetir os sons de seus “grunhidos” apenas quando Maria estava extasiada consigo mesma para, de alguma forma, fazer uma diferenciação entre o estado de absorção completa das sensações do corpo e os outros comportamentos estereotipados (...) Com a evolução do caso, ficou claro, para mim, que as ações de ecoar os “grunhidos” somente no ensimesmamento prazeroso haviam criado uma descontinuidade. A nomeação não se fizera necessário. (...) Surgiu daí a seguinte e importante constatação: lá, onde eu não podia estar, onde os sons eram somente de Maria, era o lugar onde ela existia em seu estado de ensimesmamento autístico. Parecia um lugar criado por ela, e só para ela. (TAFURI, 2003, p.41)

É possível notar que a imitação feita em outros momentos, além do prazeroso, também surte efeito. Talvez, naqueles momentos que não se saiba o que fazer como ocorreu com o conceituado psicanalista Gilberto Safra quando atendeu o paciente, Ricardo. Este não se comunicava e a única forma que o analista encontrou de se comunicar com o paciente foi por meio da imitação. Safra (apud TAFURI 2003, p. 189) descreve assim o caso:

Ele não conseguia se comunicar nem com palavras nem com brinquedos. Sabia algumas palavras que pareciam ser importantes mais pela sonoridade do que pelos seus significados. Eram frequentes a ecolalia, o balanceio do corpo e os risos sem contexto (...) As diferentes tentativas de interpretação frente ao que ocorria nas sessões eram infrutíferas (...) A minha fala entrava na circularidade da ecolalia. Em uma sessão em que o desânimo me acompanhava, disse-lhe alguma coisa tentando mais uma vez fazer uma intervenção. Ele a repetiu, como sempre, mas algo, pela primeira vez chamou-me atenção: Não se tratava de uma mera repetição, a melodia da frase que ele dizia era diferente da melodia de minha fala. Era uma melodia que eu reconhecia ter ouvido ele usar inúmeras vezes. Fiquei perplexo com que eu estava observando! Pensei: aí está ele – na melodia. Cantarolei a melodia que ele tinha usado, sem usar as palavras da frase. Ele me olhou, pela primeira vez, fixamente nos olhos, sorriu, bateu palmas e emitiu uma outra melodia para que eu a repetisse. Devolvi-lhe a melodia e, em resposta, ele pulou alegremente pela sala, criou uma outra melodia e o jogo se repetiu. Estávamos nos comunicando! Estabelecia-se o jogo subjetivo. (p.28)

Além da imitação, nesse relato pode-se observar o desânimo do analista. Esse não é um tema que me aprofundarei nesse trabalho, mas é muito frequente na clínica psicanalítica com essas crianças. Principalmente por ser difícil a comunicação com elas e o retorno é, muitas vezes, demorado. Às vezes a única bússola que guia o analista é a crença no potencial criativo da criança.

A imitação faz parte do desenvolvimento humano. A criança imita o adulto desde muito pequena. Mas a proposta do Safra e da Tafuri é o adulto imitar a criança em análise.

Fazer, assim, com que ela seja respeitada na sua singularidade, o holding acontece. É interessante ressaltar que quando a criança é imitada, mesmo aquelas com autismo severo, de alguma forma, elas reagem positivamente a esse estímulo. Elas olham mais, mudam os sons. Na maior parte das vezes, elas demoram para entrar no jogo dos sons, eu a imito e ela me imita. Porém é a forma mais eficaz de entrar em contato com essa criança.

Na fase que as crianças estavam, dos exemplos acima, a interpretação não teria efeito terapêutico e ambos os analistas tiveram que sair do protocolo psicanalítico da interpretação para poder alcançar os pacientes deles. Para Januário (2012, p.89) a interpretação só terá sentido para a criança autista quando o analista passa de um objeto subjetivo para um objeto percebido. Sendo assim, a interpretação terá sentido quando o paciente puder usar ou apenas se relacionar com o analista.

## **1.2 Manejo**

Outra forma de trabalhar com as crianças em estado autístico é por meio do manejo. Abram (2000, p. 139) afirma que com frequência Winnicott faz referência ao holding como uma espécie de manejo. Safra (apud JANUÁRIO, 2012, p. 72) explica que: “o manejo é caracterizado por fornecer um setting ao paciente para que ele possa estar tranquilo e livre de invasões, e dar ao paciente o que ele necessita, mas não é satisfazer os desejos do paciente”. Kupermann (apud JANUÁRIO, 2012, p.73) afirma que para Winnicott “manejo refere-se à possibilidade de o analista adaptar-se suficientemente bem aos modos de subjetividade do analisando, criando um ‘contexto analítico’ adequado”.

A criança num ambiente terapêutico precisa muitas vezes de ser contida, ou por ela querer agredir o psicanalista, se auto agredir ou por querer quebrar algo. Essa contenção é uma forma de manejo. O analista suficientemente bom sabe lidar com esses comportamentos. Acredito que essa seja o momento mais difícil da clínica porque o profissional não pode

ultrapassar o limite. É prudente que esteja claro para este que não é pessoal. Se não, a ação dele não será terapêutica.

Na fase de dependência relativa a mãe vai aos poucos se afastando do bebê e conseqüentemente provocando falhas nessa relação, promove assim uma desadaptação gradativa. Winnicott (1963) afirma que nesse estágio o bebê se torna consciente da dependência que ele tem da mãe. Ele já não se percebe onipotente e começa a permitir que os acontecimentos ocorram fora do seu controle. É capaz de se identificar com os pais. A fala se torna compreendida e eventualmente usada. O crescimento do lactante toma a forma de um intercâmbio contínuo entre a realidade interna e externa. “A criança agora não é apenas uma criadora potencial do mundo, mas se torna capaz também de povoar esse mundo com exemplos de sua vida interna própria” (WINNICOTT, 1963, p. 86).

É nessa fase também que a criança transita do objeto autístico para o objeto transicional, como será descrito no capítulo seguinte. Para Klautau (2007, p.273) “o momento da dependência relativa só acontece quando a criança já é capaz de relacionar-se com objetos através de mecanismos projetivos, ou seja, de viver o momento de ilusão”.

Se algo de errado acontece, segundo Winnicott (apud JANUÁRIO, 2012, p.65) o sujeito fica com sentimento de que tudo estava dando certo até que... Eles podem se tornar neuróticos ou psicóticos, mas de modo geral, eles manifestam tendência antissociais. “A análise, nesse caso, tem a ver não só com a aquisição de uma unidade como também à junção do amor e do ódio e ao reconhecimento da dependência” (p. 66). O psicanalista nesse estágio atua tanto com o holding como com o manejo, porém este é mais direcionado aos princípios na análise clássica.

### 1.3 O brincar

Além das fases de dependência absoluta e dependência relativa, o desenvolvimento dito normal se desenrola para a próxima fase que é denominada de rumo a independência. Esta é uma fase que não tem fim, pois ela nunca se dá por completo. Nesse estágio a criança “se torna gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e todas as suas complexidades, por ver aí, cada vez mais, o que já está presente dentro de si própria” (WINNICOTT, 1963, p. 87). Dessa forma, Winnicott acredita que a criança é fruto do meio em que vive.

Winnicott (1963) afirma que a criança vai se identificando com a sociedade e expandindo os seus círculos sociais. E Winnicott (1963, p. 87) complementa: “A criança se identifica com a sociedade, porque a sociedade local é um exemplo de seu próprio mundo pessoal, bem como exemplo de fenômenos verdadeiros externos”.

Nessa fase a criança é capaz de desenvolver uma certa independência e de viver uma existência pessoal satisfatória. Mesmo que em alguns momentos possa haver uma tensão social além do que se poderia suportar. O autor considera normal haver algum recuo no desenvolvimento de socialização. O brincar é uma forma da criança ir aos poucos se introduzindo nas regras sociais.

Neste trabalho pude explicar até aqui a dificuldade da criança autista de interagir com o meio. Primeiro com a mãe e conseqüentemente com os demais membros sociais. Caso a criança não tenha nenhuma intervenção em relação a essa dificuldade, essa pode não chegar ao estágio rumo a independência. O brincar auxilia a criança a introjetar o meio social a qual ela se encontra. E por isso é a forma mais adequada de se trabalhar com a criança que passa pela fase de dependência relativa.

O brincar é a matéria prima da análise infantil. Para a criança incapaz de brincar cabe ao analista criar meios para possibilitar a brincadeira. Nas palavras de Winnicott (1975, p.59):

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em conseqüência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é

dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é.

O analista possibilita o brincar junto, por meio do espaço potencial, portanto, auxilia a criança a passar pela sequência de relacionamentos do processo de desenvolvimento do brincar, assim como a mãe suficientemente boa faz. Esse processo desenvolvido pela função materna e o seu bebê será descrito no próximo capítulo. O mais importante é o encontro de dois seres humanos. Porém, para o analista propiciar um espaço adequado à brincadeira, ele deve saber brincar. Caso não saiba é melhor não ser analista infantil, como sugere Winnicott. Dessa forma, na clínica com crianças autistas o objetivo maior é ajudá-la a brincar, pois este é “uma conquista do desenvolvimento” (JANUÁRIO, 2012, p. 113).

Diante disso, percebe-se que uma das funções do analista na clínica com crianças em estado autístico é fornecer o holding, de tal forma, que esse holding permita à criança sair do seu isolamento autístico e da dependência absoluta. Sendo que uma das formas de fornecer esse holding à criança é por meio da técnica da imitação, desenvolvida por Tafuri, a partir de uma compreensão da importância do holding para o desenvolvimento psicológico da criança. A partir do momento em que a criança em estado autístico se desenvolve num ambiente holding e passa para a fase de dependência relativa, o trato analítico passa a ser prioritariamente por meio do manejo clínico. Nesse momento a imitação é substituída por resquílios do brincar até chegar ao brincar fantasioso e a criança passar para a fase rumo à independência.

No próximo capítulo será trabalhado os objetos autísticos e transicionais e será retomado o brincar vivenciado pela criança.

## 2 ALGUNS PROCESSOS VIVIDOS PELA CRIANÇA AUTISTA NA ANÁLISE

Três são os processos que pretendo descrever que fazem parte do desenvolvimento infantil: O uso do objeto autístico, o uso do objeto transicional e o brincar.

### 2.1 O objeto autístico

Primeiramente descrevo a utilização do objeto autístico. As crianças autistas severas tendem a se ater ao objeto autístico. O objetivo da terapia é da criança perder aos poucos a fixação por esse objeto e se interessar por objetos transicionais e, por fim, consiga se afeiçoar a objetos externos e reais como os brinquedos, estabelecendo a capacidade de brincar.

É comum ver crianças bem pequenas interagindo com as suas próprias mãos, pés e fazendo sons. Elas fazem isso quando estão sós. Seria um momento criativo, propício para ela criar situações que não a deixem angustiada pela falta da mãe. Esse momento criativo só é possível se o bebê passou pelo momento de ilusão, em que ele acredita ser onipotente. Há também, aqueles momentos em que o lactante segura um objeto e não larga por nada. E quando um adulto tira dele ele chora como se o mundo acabasse. Esses, mãos, pés, sons e objetos que seguram sem se distinguir do objeto são exemplos de objetos autísticos. O uso desse objeto é normal até certa idade, mas quando se prolonga torna-se patológico. Como por exemplo, a criança em estado autístico que está na fase de dependência absoluta.

Tustin (1975, p.73) define o objeto autístico da seguinte forma: “Os objetos autísticos consistem em: (a) partes do corpo da própria criança, ou (b) partes do mundo externo, por ela experimentadas como partes de si mesma”. Algumas crianças autistas chegam ao consultório emitindo sons estereotipados e segurando objetos tais como: garfo, colher, pregador. É difícil ver essas crianças se interessarem por objetos macios.

Certas crianças psicóticas mostram verdadeira obsessão pelos objetos mecânicos duros, por exemplo trens e carrinhos (...). Outras preferem colecioná-los; contudo, o mais característico em ambos os casos, é que a criança não brinca com eles, como uma criança normal o faria, mas usa-os (psicologicamente) para repelir um sentimento de desastre (esse mesmo princípio está, aliás, na base dos amuletos e feitiços de que certos adultos lançam mão). É muito frequente vê-las adormecerem com um trem, por exemplo, quando uma criança normal dormiria, muito provavelmente, com um urso ou um objeto macio (TUSTIN, 1975, p.80).

Vi muito isso no consultório, em que as crianças em estado autístico seguram um objeto em uma mão e não largam para nada, e exploram o ambiente com a outra mão. Para quem vê de fora, aquele objeto não tem função nenhuma. Porém Tustin (1975, p.74) explica que a função do objeto autístico é o “de reavivar e manter o estado de satisfação criado pelo mamilo-na-boca. Está também aqui implícito que os murmúrios da criança desempenham uma função idêntica”.

A ecolalia para mim, também é um objeto autístico. Pois preenche um espaço da sessão que poderia ser de troca ou de criação, mas se torna um espaço vazio. Remeteu-me o mito do Narciso (ver anexo) quando a ninfa Eco chama por ele e este só consegue escutar a própria voz. Não sendo possível, assim, ele sair do seu estado isolado. E por isso a ecolalia, o objeto autístico, serviria para a criança se proteger do não eu, sendo que esse objeto seria uma substância totalmente eu. Como diz Tustin (1975, p.77):

A maioria dos objetos do mundo externo serão, nesse caso, imbuídos das características de objetos autísticos, ou seja, se ancorarão, total e inseparavelmente, no “eu”, não deixando que as experiências transicionais se desenvolvam satisfatoriamente. Isso quer dizer que a criança não fará grande uso das palavras ou repetirá em eco as dos outros – sua forma de preservar a ideia delirante de que as palavras “não-eu” fazem parte de sua boca, transformando-se por isso em “eu”. Há também o não uso das faculdades cognitivas, para evitar o reconhecimento da existência do “não-eu”.

Se não há experiência transicional, não há o outro e por isso a relação das crianças em estado autístico com outras pessoas é tão precário. Para Tustin o “não-eu” surge quando a criança é capaz de abandonar o objeto autístico mamilo e reconhecer-lhe atributos próprios que os tornam diferentes, separados, da boca. E aceitar que mesmo desejando intensamente o

mamilo, haverá ocasiões em que terá que esperar. É nesse momento de espera o surgimento do objeto transicional.

Caso a frustração seja incapacitante, o bebê utiliza o objeto de forma autística, sendo ele mesmo “suficiente” para suprir as próprias necessidades. Dessa forma, o bebê poderá usar objetos autísticos anormais, de forma nem sempre muito evidente. Por exemplo, passará a chupar a própria língua a contrair o ânus e reter as fezes, a fazer bolhas com a saliva. Esses comportamentos são recorrentes na clínica em que as crianças tem muita dificuldade de evacuar e algumas delas se divertem em brincar com a saliva, em cuspir.

Há dois casos que auxiliam na permanência do objeto autístico por período além do necessário: a) se as ilusões forem desfeitas cedo demais; b) ou se não houver um corte e esse mamilo ficar mais que o necessário. Por isso é tão importante o papel da mãe suficientemente boa, pois por meio da preocupação materna primária ela sabe qual é o melhor momento para tirar o mamilo, como visto no capítulo anterior. Nesses casos o bebê ou não se sentirá sua majestade o bebê pelo tempo suficiente ou permanecerá por tempo demais.

Para a criança desistir do objeto autístico mamilo, o bebê terá que experimentá-lo suficientemente como extensão onipotente da boca. Acreditar que nasceu num berço de ouro. “Se as ilusões primárias forem postas em causa demasiado cedo, tenderá a canalizar toda a sua energia para a procura das gratificações autísticas que lhes foram insuficientes” (Tustin1975, p.79).

Outro comportamento muito comum nas crianças autistas é elas pegarem a mão de qualquer pessoa como se fosse uma extensão delas para alcançarem o que desejam. Segundo TUSTIN (1975, p.81) “é como tentam transformar a mão de outra pessoa em objeto autístico, usando-a como coisa destituído de vida ou vontade própria e como poderosa extensão de si mesmas que sirva para realizar seus desejos”.

Tustin faz uma comparação do objeto autístico em relação ao objeto transicional: “Chamo de objeto autístico, em sentido lato, todo aquele que é completado experimentado como “eu”, e de objeto transicional aquele que conjuga em si um misto de “eu” e “não-eu” – fato de que a criança só muito vagamente se dá conta” (TUSTIN, 1975, p.75). O objeto transicional pode surgir quando o objeto autístico ainda está presente. Eles se misturam. Mas quando normal, o objeto autístico vai perdendo o interesse para o objeto transicional.

Como vimos, o objeto autístico é utilizado pelo bebê para dar sentido de proteção, satisfação que remete a lembrança do mamilo na boca e é a forma que eles usam a mão do outro para conseguir o que se quer. Quando a criança ainda está fixada ao objeto autístico, no estágio de dependência absoluta, a forma de se trabalhar com ela, na análise, é por meio do holding e pela imitação, com o objetivo de alcançar a fase de dependência relativa. Como foi analisado no capítulo 1.

## **2.2 O objeto transicional.**

O segundo processo que pretendo descrever é o objeto e fenômeno transicional. Nessa fase, o lactante por um lado transita entre os objetos autísticos, vinculados ao erotismo oral, e a atividade criativa primária e por outro a verdadeira relação do objeto e a projeção do que já foi introjetado que são os objetos transicionais. E transita também entre as fases de dependência absoluta e dependência relativa.

Winnicott não escreve sobre objeto autístico. Ele percebe que existe uma fase que se leva em conta o polegar, mas não a denominou. O autor se interessa por descobrir o que ocorre nesse meio tempo. Em que o bebê aos poucos se desinteressa pelas partes do seu corpo que lhe dão segurança/prazer. Na medida que ele vai se interessando por outros objetos que cumprem a mesma função de segurança, mas lhe dão diferente sensação de prazer. Ele fez

uma teoria a respeito do objeto transicional e do fenômeno transicional. Para ele, esse objeto é: “o primeiro não-eu de que a criança toma posse” (WINNICOTT, 1967). E complementa:

Introduzi os termos “objetos transicionais” e fenômenos transicionais” para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (“Diga: ‘bigado’”) (WINNICOTT 1951, p. 390).

Para o bebê criar o objeto transicional, a mãe suficientemente boa vai aos poucos criando as falhas. Ela não estará sempre lá quando o bebê precisar. Ela saberá quando o bebê suportará essas falhas, por meio da preocupação materna primária, como já explicado no capítulo anterior. A mãe, agindo assim, vai desiludindo o bebê e ele vai construindo a ideia de que o seio não é ele. Por isso, o objeto transicional funciona como consolo para o bebê quando a mãe está ausente. Ele cria a ilusão que a mãe está com ele. Ajuda a criança passar da fusão da mãe para o ambiente externo. Surge então, a entrada do objeto, do terceiro.

WINNICOTT (1967, p. 135) explica que o objeto transicional:

Constitui um símbolo da união do bebê e da mãe e que pode ser localizado no lugar, no espaço e no tempo, onde e quando a mãe se acha em transição de (na mente do bebê) ser fundida ao bebê e, alternativamente, ser experimentada como um objeto a ser percebido. Assim, o *“uso de um objeto simboliza a união de duas coisas agora separadas, bebê e mãe, no ponto, no tempo e no espaço, do início de seu estado de separação”*.

Pode-se supor que o fenômeno transicional leva o bebê a fantasiar a presença da mãe. Para Winnicott, o uso do objeto transicional pode vir por meio de um cobertor, babadores, lenços, movimentos bucais, balbucios, as primeiras notas musicais e assim por diante. Esses objetos se tornam para o bebê vitalmente importante para seu uso no momento de ir dormir, em momentos de solidão ou quando a tristeza aparece. Segundo Januário (2012, p.103), “São objetos que não fazem parte do corpo do bebê, mas, do ponto de vista do bebê, ainda não são plenamente reconhecidos como pertencentes à realidade externa”.

Com o objeto transicional o bebê passa do controle onipotente (mágico) a ter o controle real desse objeto. Pois esse objeto “jamais está sobre o controle mágico, como o objeto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe real” (WINNICOTT apud JANUÁRIO, p.103). Esse objeto deve sobreviver ao amor, ao ódio e também à agressividade pura. Pois, com esse objeto o bebê pode transferir todas as suas frustrações, medo e decepções. Mas ele também pode proporcionar ao bebê aconchego e amor. Para Winnicott (1951 p. 394) “deve parecer ao bebê que lhe dá calor, ou que se move, ou que possui textura, ou que faz algo que pareça mostrar que tem vitalidade ou realidade próprias”. E é nesse momento que a criança começa a fantasiar.

Esse objeto introduz na vida do bebê o simbolismo. Abram (2000, p.258) afirma que ao usar o objeto transicional o bebê está prestes a usar o símbolo. Porém, Winnicott afirma que o objeto que o bebê elege é símbolo de algum objeto parcial, por exemplo o seio. “O fato dele não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe)” (WINNICOTT, 1951, p. 395). Isso quer dizer que não importa, nesse momento, se o que o bebê está usando o objeto de uma forma real ou não. Pois é por meio do objeto transicional que o bebê vai começar a diferenciar essas duas posições.

Dessa forma, o objeto transicional também introduz o bebê na brincadeira, uma ação que é tão importante para a vida da criança. Para Winnicott, (1967 p. 134): “Reivindiquei que, ao observar o uso, pela criança de um objeto transicional, a primeira posse não-eu, estamos assistindo tanto ao primeiro uso de um símbolo pela criança quanto à primeira experiência da brincadeira”. Quando o bebê começa a brincar, aos poucos o objeto transicional vai perdendo a função.

Para concluir esse subtítulo observou-se que o objeto/fenômeno transicional é a primeira posse do bebê e é quando ele se desilude e por isso começa a fantasiar. Percebe-se

também que, como visto no capítulo anterior, o bebê que usa o objeto de uma forma transicional está na fase de dependência relativa.

### **2.3 O estabelecimento da capacidade de brincar**

Percebe-se na atualidade que as crianças são pouco estimuladas a brincar. Seja por conta da violência, por conta das inúmeras atividades ou seja pelos adultos não quererem que elas façam bagunça. Nem mesmo nos espaços educacionais essa prática está sendo estimulada. Porém, o brincar é muito importante para a constituição do indivíduo. A brincadeira aqui leva-se em conta principalmente a imaginação e interação com o outro, sendo assim desconsiderados alguns jogos eletrônicos.

Winnicott (1982, p.163) descreve a brincadeira da seguinte forma:

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da vida. As experiências tanto externas quanto internas podem ser férteis para o adulto, mas para as crianças essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se dissolvem através de suas experiências de vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de próprias brincadeiras feitas por outras crianças e por adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de exagerar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência.

Percebe-se com essa descrição, a importância da brincadeira. Além dos papéis descritos acima, o brincar tem a função de permitir a criança sentir raiva sem que seja castigada por isso. E também para dominar as angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados. Pois para Winnicott (1982, p.162) “a angústia é sempre um fator na brincadeira infantil”. E explica que quando há angústia excessiva a brincadeira se torna compulsiva ou repetitiva ou ainda há uma busca exagerada dos prazeres que pertencem à brincadeira. Portanto a brincadeira ajuda a criança a elaborar a angústia.

O brincar pode ser comparado a um fenômeno transicional, pois o brincar é algo que faz parte do exterior da criança, mas que esta pode controlar por meio da imaginação (interior). Nas palavras de Winnicott (1975, p. 62):

*O brincar tem um lugar e um tempo. Não é dentro, em nenhum emprego da palavra (e infelizmente é verdade que a palavra "dentro" possui muitos e variados usos no estudo psicanalítico). Tampouco é fora, o que equivale a dizer que não constitui parte do mundo repudiado, do não-eu, aquilo que o indivíduo decidiu identificar (com dificuldade e até mesmo sofrimento) como verdadeiramente externo, fora do controle mágico. Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer.*

Januário (2012, p.106) complementa a ideia de Winnicott, dizendo que além de fazer o brincar é ser. É quando a criança se constitui como sujeito, quando pode representar o vivido no dia-a-dia. Para Winnicott o natural é brincar. Segundo o mesmo autor, a brincadeira é universal e é própria da saúde. O brincar facilita o crescimento, e conduz a criança às relações grupais e é uma fonte de comunicação na psicoterapia como visto no capítulo anterior.

Winnicott (apud JANUÁRIO, 2012, p.113) “alerta que o brincar faz parte do processo de desenvolvimento emocional e de constituição psíquica da criança”. Portanto a criança que não brinca demonstra comprometimento nessas áreas. E é por meio de um ambiente acolhedor e que propicia esse desenvolvimento que a criança poderá expressar a criatividade dela e o eu (self) é descoberto e fortalecido. O brincar, segundo Winnicott, (1971, p.93 apud JANUÁRIO, 2012, p.112)

(...) propiciar oportunidade para a experiência amorfa e para os impulsos criativos, motores e sensoriais, que constituem a matéria-prima do brincar. É com base no brincar, que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem. Não somos mais introvertidos ou extrovertidos. Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos.

O brincar é uma forma da criança introjetar o mundo externo a ela. Ela repete várias vezes um certo brincar até trazer a simbolização ou até aquilo fazer sentido. Quando se inverte o papel da criança e permite a ela ser o adulto, por meio da fantasia isso é possível, ela coloca toda a seu descontentamento e frustração. E assim ela entende melhor o papel dos adultos. Permitindo com que ela atue como protagonista e não só como espectadora. Acredito que isso é o grande lance do brincar, permitir que a criança seja um sujeito de vontade. Dessa forma ela vai se constituindo como ser. O brincar é um trabalho muito importante para a criança se constituir.

Para Safra (2006), apud, Januário:

1 – Ao brincar a criança institui situações organizadas em termos de espaço e de tempo. Brincando ela funda mundos. Ao brincar ela não está simplesmente projetando conteúdos psíquicos no jogo, mas está constituindo mundos e estabelecendo a possibilidade de transformar a realidade dada por meio de seu gesto. Uma criança, ao jogar em um determinado meio ambiente, o ressignifica, imprimindo a ele uma organização diferente daquela que lhe foi oferecida. Isto significa que todo o brincar demanda um tipo de ruptura com o que é dado. O brincar funda mundos, funda a possibilidade de a criança estar no mundo e instituir modos de ser. 2 – A criança, ao longo de seu desenvolvimento, coloca em jogo as diversas facetas do seu ser: a questão do corpo, a questão do seu psiquismo, com todas as angústias que a visitam e a necessidade de projetar um destino. Este ponto é importantíssimo, mas muito pouco discutido. O ser humano tem a necessidade de criar sentidos, pois é parte da estrutura da pessoa humana a capacidade de projetar horizontes futuros. (p. 13).

A criança entra na brincadeira, o brincar não é inato, com a ajuda da mãe. Para Winnicott (1975, p.71), a mãe por meio do espaço potencial que ela cria com o bebê introduz a criança na brincadeira da seguinte forma:

A) Sendo que o bebê e a mãe são um só, ela tornar concreto aquilo que o bebê está pronto para encontrar. Assim a mãe fica à disposição da criança;

B) Nesta fase o bebê repudia o objeto, aceita de novo e este é objetivamente percebido. A figura materna ou a mãe se dispõe a participar e devolver o que é abandonado. A

mãe se encontra num permanente oscilar entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e ser ela própria, aguardando ser encontrada. Nesse sentido o bebê cria um “acordo” com o sentimento de onipotência dos processos intrapsíquicos e o controle que ele tem do real. O que lhe transmite confiança e a capacidade de lidar com a magia. Segundo Winnicott (1975, p.71), “A importância do brincar é sempre a precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais”. A base desse processo é a confiança que a mãe transmite ao filho por meio do amor.

C) Nesse estágio a criança é capaz de brincar sozinha na presença do outro. Ela acredita e confia que a pessoa que está na companhia dela está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida.

D) Nesse momento, a criança se prepara para o estágio seguinte, o brincar conjunto num relacionamento. Em primeiro lugar, a mãe brinca com o bebê ajustando-se às atividades lúdicas dele e depois ela aceita ou não a introdução de ideias que são próprias do bebê.

Sendo assim, a brincadeira começa ainda na fase de dependência absoluta e se torna mais elaborado com o decorrer do desenvolvimento psíquico. Pode-se inferir que a criança em estado autístico inicia no brincar por meio do jogo da imitação. Esta pode ser vista como uma preparação para o brincar compartilhado. O analista cria um espaço potencial para a criança usar o interesse dela para criar situações que possam surgir uma brincadeira, um jogo. E auxiliando a criança a sair do isolamento.

Desta forma, podemos perceber que quando a análise de crianças autistas flui bem observamos que as crianças têm a possibilidade de passar do uso do objeto autístico como descrito por Tustin, para o uso do objeto transicional, sendo que nossa aposta é que a criança autista possa, por meio da análise e da relação com o analista, atingir o brincar compartilhado como descrito por Winnicott. Sendo assim, há a possibilidade da criança sair do estado autístico e ser capaz de se relacionar de uma forma saudável com as pessoas ao seu redor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho de conclusão de curso, inicialmente propus refletir sobre algumas funções do analista dentre elas o holding, manejo e o brincar. Porém para melhor compreensão do holding, descrevi sobre a mãe suficientemente boa, a preocupação materna primária e a fase de dependência absoluta que a criança vive quando é necessário o holding.

O papel do analista também é tomado como metáfora dos cuidados maternos. Quando algo ocorreu no ambiente que comprometeu o desenvolvimento da criança no período da dependência absoluta, essa falha poderá ser sanada com o auxílio do analista suficientemente bom. Pois este, assim como a mãe suficientemente boa, atento às necessidades da criança. Nesse momento ele utiliza a técnica da imitação para entrar em contato com a criança em estado autístico e ajuda-la a sair do isolamento.

Quando a criança se desenvolve e passa para a fase de dependência relativa, o analista cria falhas na relação, não se submetendo às vontades dela. E por isso utiliza-se o manejo. O holding será utilizado de uma forma pontual e o manejo se torna a técnica mais utilizada na dependência relativa.

O brincar é uma atividade muito importante e cabe ao analista propiciar um espaço potencial para essa atividade ocorrer. Caso o analista não saiba brincar ou não tenha condições de o fazê-lo, Winnicott aconselha que não seja analista infantil.

No segundo capítulo, foi analisado o brincar ao longo da formação do indivíduo, mais especificamente quando a criança está na fase de rumo à independência. Nesse estágio, a brincadeira leva a criança a se socializar. Além do mais, foi descrito no segundo capítulo, sobre os objetos autísticos e transicional e sobre a importância deles para o desenvolvimento psíquico e os prejuízos quando a criança se fixa numa dessas fases.

Essa monografia busca também auxiliar as pessoas, iniciantes nos estudos na teoria winnicottiana, a entender melhor alguns dos principais conceitos desse autor e compreender as fases da análise da criança em estado autístico. Teve o intuito ainda de descrever que é possível a criança em estado autístico sair desse isolamento com um tratamento adequado.

Proponho para outras pesquisas o aprofundamento da importância do brincar para as crianças em estado autístico. E a importância da criatividade na vida do ser humano em geral e principalmente para as crianças que no decorrer da vida tiveram dificuldade de fantasiar.

## REFERÊNCIAS

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

JANUARIO, L. M. *Transferência e Espaço potencial: a relação analítica com crianças em estados autísticos e psicóticos*. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, UnB, 2012.

KLAUTAU, P. Winnicott e Lacan: a importância do conceito de objeto transicional na formulação do objeto a. In: BEZERRA, B. JR; ORTEGA, F. (Org.). *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

MODELL, A. H. As raízes da criatividade e o uso do objeto. In: GIOVACCHINI, P. L. (Org.). *Táticas e técnicas psicanalíticas: D.W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

TAFURI, M.I. *Dos sons à palavra: exploração sobre o tratamento psicanalítico*. Brasília: Abrafipp, 2003.

TUSTIN, F. *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975

WEICH, M.J. O analista suficientemente bom. In: GIOVACCHINI, P. L. (Org.). *Táticas e técnicas psicanalíticas: D.W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

WINNICOTT, D.W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. Texto publicado em 1962.

WINNICOTT, D.W. A mãe dedicada comum. In: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D.W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1951) In: *Da Pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978

WINNICOTT, D.W. Autismo. In: *Pensando sobre crianças*. São Paulo: Artmed, 1997. Texto publicado em 1966.

WINNICOTT, D.W. Por que as crianças brincam. In: *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WINNICOTT, D.W. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Texto publicado em 1960.

WINNICOTT, D.W. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. Texto publicado em 1960b.

WINNICOTT, D.W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. Texto publicado em 1963.

## ANEXO A – Mito do Narciso

### A FONTE DA VAIDADE

Narciso era filho do deus-rio Cephisus e da ninfa Liriope, e era um jovem de extrema beleza. Porém, à despeito da cobiça que despertava nas ninfas e donzelas, Narciso preferia viver só, pois não havia encontrado ninguém que julgasse merecedora do seu amor. E foi justamente este desprezo que devotava às jovens a sua perdição.

Pois havia uma bela ninfa, Eco, amante dos bosques e dos montes, companheira favorita de Diana em suas caçadas. Mas Eco tinha um grande defeito: falava demais, e tinha o costume de dar sempre a última palavra em qualquer conversa da qual participava.

Um dia Hera, desconfiada - com razão - que seu marido estava divertindo-se com as ninfas, saiu em sua procura. Eco usou sua conversa para entreter a deusa enquanto suas amigas ninfas se escondiam. Hera, percebendo a artimanha da ninfa, condenou-a a não mais poder falar uma só palavra por sua iniciativa, a não ser responder quando interpelada.

Assim a ninfa passeava por um bosque quando viu Narciso que perseguia a caça pela montanha. Como era belo o jovem, e como era forte a paixão que a assaltou! Seguiu-lhe os passos e quis dirigir-lhe a palavra, falar o quanto ela o queria... Mas não era possível - era preciso esperar que ele falasse primeiro para então responder-lhe. Distraída pelos seus pensamentos, não percebeu que o jovem dela se aproximara. Tentou se esconder rapidamente, mas Narciso ouviu o barulho e caminhou em sua direção:

-Há alguém aqui?

- Aqui! - respondeu Eco.

Narciso olhou em volta e não viu ninguém. Queria saber quem estava se escondendo dele, e quem era a dona daquela voz tão bonita.

- Vem - gritou.

- Vem! - respondeu Eco.

- Por que foges de mim?

- Por que foges de mim?

- Eu não fujo! Vem, vamos nos juntar!

- Juntar! - a donzela não podia conter sua felicidade ao correr em direção do amado que fizera tal convite.

Narciso, vendo a ninfa que corria em sua direção, gritou:

- Afasta-te! Prefiro morrer do que te deixar me possuir!

- Me possuir... - disse Eco.

Foi terrível o que se passou. Narciso fugiu, e a ninfa, envergonhada, correu para se esconder no recesso dos bosques. Daquele dia em diante, passou a viver nas cavernas e entre os rochedos das montanhas. Evitava o contato com os outros seres, e não se alimentava mais. Com o pesar, seu corpo foi definhando, até que suas carnes desapareceram completamente.

Seus ossos se transformaram em rocha. Nada restou além da sua voz. Eco, porém, continua a responder a todos que a chamem, e conserva seu costume de dizer sempre a última palavra.

Não foi em vão o sofrimento da ninfa, pois do alto, do Olimpo, Nêmesis vira tudo o que se passou. Como punição, condenou Narciso a um triste fim, que não demorou muito a ocorrer.

Havia, não muito longe dali, uma fonte clara, de águas como prata. Os pastores não levavam para lá seu rebanho, nem cabras ou qualquer outro animal a frequentava. Não era tampouco enfeada por folhas ou por galhos caídos de árvores. Era linda, cercada de uma relva viçosa, e abrigada do sol por rochedos que a cercavam. Ali chegou um dia Narciso, fático da caça, e sentindo muito calor e muita sede.

Narciso debruçou sobre a fonte para banhar-se e viu, surpreso, uma bela figura que o olhava de dentro da fonte. "Com certeza é algum espírito das águas que habita esta fonte. E como é belo!", disse, admirando os olhos brilhantes, os cabelos anelados como os de Apolo, o rosto oval e o pescoço de marfim do ser. Apaixonou-se pelo aspecto saudável e pela beleza daquele ser que, de dentro da fonte, retribuía o seu olhar.

Não podia mais se conter. Baixou o rosto para beijar o ser, e enfiou os braços na fonte para abraçá-lo. Porém, ao contato de seus braços com a água da fonte, o ser sumiu para voltar depois de alguns instantes, tão belo quanto antes.

- Porque me desprezas, bela criatura? E por que foges ao meu contato? Meu rosto não deve causar-te repulsa, pois as ninfas me amam, e tu mesmo não me olhas com indiferença. Quando sorrio, também tu sorris, e responde com acenos aos meus acenos. Mas quando estendo os braços, fazes o mesmo para então sumires ao meu contato.

Suas lágrimas caíram na água, turvando a imagem. E, ao vê-la partir, Narciso exclamou:

- Fica, peço-te, fica! Se não posso tocar-te, deixe-me pelo menos admirar-te.

Assim Narciso ficou por dias a admirar sua própria imagem na fonte, esquecido de alimento e de água, seu corpo definhando. As cores e o vigor deixaram seu corpo, e quando ele gritava "Ai, ai", Eco respondia com as mesmas palavras. Assim o jovem morreu.

As ninfas choraram seu triste destino. Prepararam uma pira funerária e teriam cremado seu corpo se o tivessem encontrado. No lugar onde faleceu, entretanto, as ninfas encontraram apenas uma flor roxa, rodeada de folhas brancas. E, em memória do jovem Narciso, aquela flor passou a ser conhecida pelo seu nome.

Dizem ainda, que quando a sombra de Narciso atravessou o rio Estige, em direção ao Hades, ela debruçou-se sobre suas águas para contemplar sua figura.

Fonte: [http://hall\\_of\\_secrets.tripod.com/greciavidade.htm](http://hall_of_secrets.tripod.com/greciavidade.htm)